

LIMA BARRETO

Diário do Hospício e O cemitério dos vivos

Prefácio

Alfredo Bosi

Organização e notas

Augusto Massi
e Murilo Marcondes
de Moura



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da organização © 2017 by Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Victor Burton

Foto de capa

Acervo do Núcleo de Memória Institucional do Instituto de Psiquiatria – IPUB/ UFRJ.

Reprodução de Jaime Acioli.

Pesquisa de imagem

Augusto Massi

Revisão

Ana Maria Barbosa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barreto, Lima, 1881-1922

Diário do Hospício ; O cemitério dos vivos / Lima Barreto ;
prefácio Alfredo Bosi ; organização e notas Augusto Massi, Mu-
rilo Marcondes de Moura. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2017.

Bibliografia

ISBN 978-85-359-2950-8

1. Barreto, Lima, 1881-1922 2. Escritores brasileiros – Auto-
biografia 3. Memórias autobiográficas I. Bosi, Alfredo. II. Massi,
Augusto. III. Moura, Murilo Marcondes de. IV. Título. V. Título: O
cemitério dos vivos.

17-05264

CDD-928.699

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores brasileiros : Memórias 928.699

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

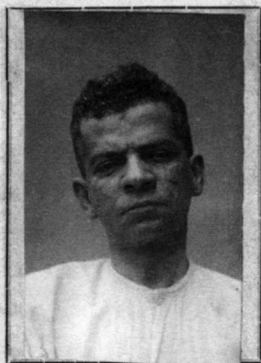
<i>Prefácio — O cemitério dos vivos: testemunho e ficção,</i> Alfredo Bosi	7
Diário do Hospício	29
O cemitério dos vivos	115
<i>Apêndice</i>	199
<i>Referências bibliográficas</i>	289
<i>Agradecimentos</i>	293
<i>Créditos das imagens</i>	295

DIÁRIO DO HOSPÍCIO

INSTITUTO DE NEUROPATHOLOGIA

Nome *Affonso H. de Lima Barreto*
Cór *parba* Idade *38 annos*
Nacionalidade *brasileira* Estado civil *solteiro*
Profissão *formalista*
Filiação _____
Entrada *em 25 de Dezembro de 1918*
Sahida *transferido em 16 de Dezembro de 1919*
Fallecimento _____ Causa mortis _____

Diagnostico *Alcoolismo*



E' de *2ª* entrada

Deu-se a primeira em *18* de *Ago* de *1914* tendo observação no livro n. *161* pag. *315*
A ultima entrada foi em _____ de _____ de 19____

OBSERVAÇÃO — Estado actual do doente

Os manuscritos do *Diário do Hospício* redigidos por Lima Barreto durante a sua segunda internação no Hospital Nacional de Alienados, entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, encontram-se na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, Coleção Lima Barreto. Diante de condições adversas, o autor se viu obrigado a registrar suas anotações a lápis, em 79 tiras de papel ora pautado (caso dos dois primeiros capítulos), ora sem linha alguma, rascunhadas tanto na frente como no verso. Mais tarde, passou a escrever em tiras maiores e a caneta.

Todas as tiras traduzem a enorme preocupação do escritor em dar alguma ordem ao material: datação, numeração das páginas, títulos. Ainda que de forma precária, os manuscritos revelam um trabalho de revisão e pré-edição, contendo observações do tipo: “aproveitado”, ou “vide notas”. As tiras descartadas foram riscadas e trazem uma anotação ao lado: “já falei”.

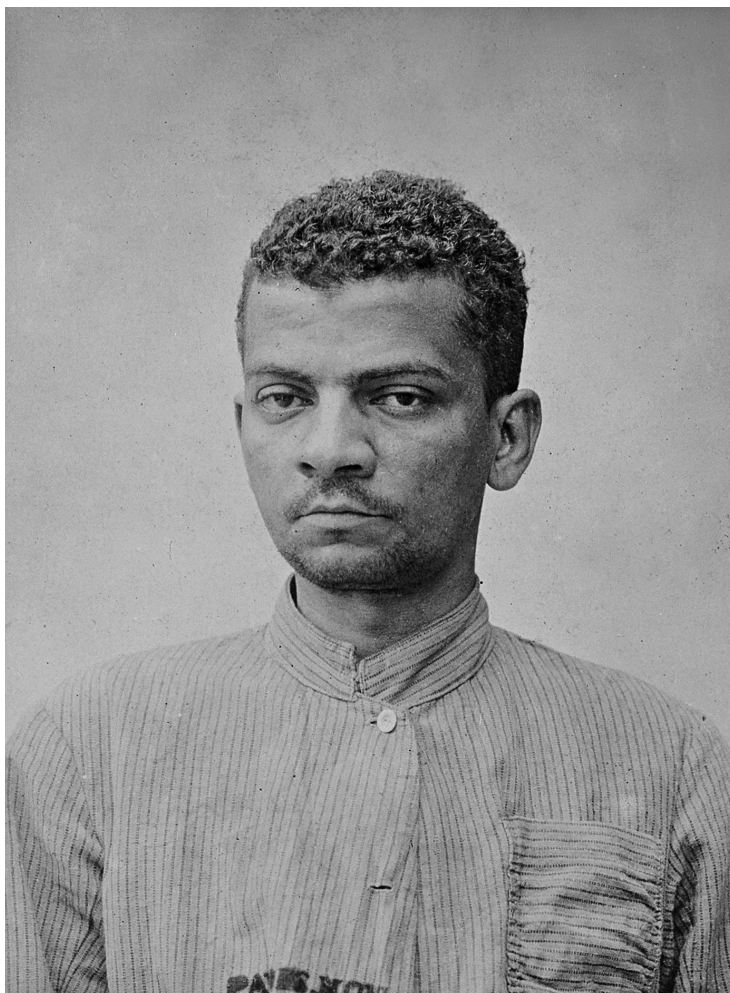
O reflexo dessa precariedade também é visível no que se refere à difícil conservação dos manuscritos. A maioria das tiras apresenta tanto as bordas superiores quanto as inferiores bem desgastadas e, por vezes, exibem manchas, rasgos ou furos. Hoje, felizmente, os manuscritos já se encontram digitalizados e disponíveis a qualquer pesquisador em <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1428160/mss1428160.pdf>.

Esta não se pretende uma edição crítica, muito embora tenha procurado estabelecer o texto da forma mais rigorosa possível, confrontando as melhores edições existentes e indicadas nas referências bibliográficas. As diversas notas introduzidas só pretendem sugerir novas possibilidades de compreensão da obra.

1920

4 de janeiro

O Pavilhão e a Pinel



Estou no Hospício ou, melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no Pavilhão de Observação, que é a pior etapa de quem, como eu, entra para aqui pelas mãos da polícia.

Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Da outra vez que lá estive¹ me deram essa peça do vestuário que me é hoje indispensável. Desta vez, não. O enfermeiro antigo era humano e bom; o atual é um português (o outro o era) arrogante, com uma fisionomia bragantina e presumida. Deram-me uma caneca de mate e, logo em seguida, ainda dia claro, atiraram-me sobre um colchão de capim com uma manta pobre, muito conhecida de toda a nossa pobreza e miséria.

Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho certeza que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio.

Além dessa primeira vez que estive no Hospício, fui atingido por crise idêntica, em Ouro Fino, e levado para a Santa Casa de lá, em 1916;² em 1917, recolheram-me ao Hospital Central do Exército,³ pela mesma razão; agora, volto ao Hospício.

1. A primeira internação de Lima Barreto ocorreu entre 18 de agosto e 13 de outubro de 1914. Ver nesta edição o conto “Como o ‘homem’ chegou” (pp. 203-19), no qual o escritor recria ficcionalmente a sua traumática viagem num carro-forte da polícia, da casa do tio Bernardino Pereira de Carvalho, em Guaratiba, até o Hospital Nacional de Alienados, na praia Vermelha.

2. A convite do jornalista Emílio Alvim — que deixa o cargo de secretário do *Correio da Noite*, em 1915, para trabalhar no Núcleo Colonial Inconfidentes, vinculado ao Ministério da Agricultura, nos arredores de Ouro Fino, sul de Minas Gerais —, Lima Barreto passa o mês de junho de 1916 hospedado na casa do amigo. Segundo depoimento de Emílio ao biógrafo Francisco de Assis Barbosa, durante a crise o escritor trancou-se num quarto e gritava que o general Joaquim Inácio Batista de Castro queria prendê-lo por conta de suas atividades anarquistas: “Lá vem ele! Lá vem ele me prender! Vem com um pelotão!”

Emílio Torres Alvim foi redator da *Gazeta da Tarde* (1911-3), secretário de redação do *Correio da Noite* (1913-5) e da revista *Vida Carioca* (1920-55), onde trabalhou até o fim da vida. Sobre ele, ver crônica de Lima Barreto, “O nosso secretário”, publicada no *Correio da Noite* (Rio de Janeiro, 18 jan. 1915).

3. Na verdade, foram duas internações. A primeira ocorreu em julho de 1917. Na segunda, de 4 de novembro de 1918 a 5 de janeiro de 1919, Lima Barreto deu entrada com uma clavícula fra-

Estou seguro que não voltarei a ele pela terceira vez; senão, saio dele para o São João Batista⁴ que é próximo. Estou incomodando muito os outros, inclusive os meus parentes. Não é justo que tal continue. Quanto aos meus amigos, nenhum apareceu, senão o senhor Carlos Ventura e o sobrinho.

Este senhor Carlos Ventura é um velho homem, tem uma venda na rua Piauí, em Todos os Santos,⁵ fornece para a nossa casa, e foi com auxílio dele que me conseguiram laçar e trazer-me até o Hospício. Acompanharam-me o Alípio⁶ e o Jorge.⁷

Passei a noite de 25 no Pavilhão, dormindo muito bem, pois a de 24 tinha passado em claro, errando pelos subúrbios, em pleno delírio.

Amanheci, tomei café e pão e fui à presença de um médico, que me disseram chamar-se Adatao.⁸ Tratou-me ele com indiferença, fez-me perguntas e deu a entender que, por ele, me punha na rua.

turada, e passou dois meses no Hospital Central do Exército, na rua Francisco Manuel, 26, bairro de Benfica. Ver nesta edição crônica de Lima Barreto, “Da minha cela” (pp. 223-31), publicada no A.B.C. (Rio de Janeiro, 30 nov. 1918), na qual comenta as duas internações.

4. Cemitério situado em Botafogo, onde o escritor foi enterrado em 1º de novembro de 1922.

5. Bairro onde também residia Lima Barreto, na rua Major Mascarenhas. Primeiro na casa de número 42 e, a partir de 1918, na de número 26.

6. “Tem meu amigo o senhor Carlos Ventura um excelente camarada e discípulo — o Alípio. Prego-lhe todas as doutrinas subversivas que me vêm à cabeça; e ele me ouve e medita.” Ambos são citados pelo escritor na crônica, “Atribulações de um vendeiro”, publicada na revista *Careta* (Rio de Janeiro, 27 set. 1919). Há nova menção ao senhor Carlos Ventura em “Mina de ferro e aço”, crônica também publicada na *Careta* (Rio de Janeiro, 5 jun. 1920).

Por fim, vale lembrar que ambos reaparecem no capítulo v do romance *Clara dos Anjos* (1948): o senhor Carlos Ventura travestido de “seu” Nascimento, proprietário de uma venda, e o Alípio, sem qualquer disfarce, representa a si mesmo.

7. Trata-se, provavelmente, do barbeiro do escritor, citado em crônicas da década de 1920 como, por exemplo, “Um caso” (Rio de Janeiro, 24 jul. 1920) e “A agonia do burro” (Rio de Janeiro, 8 jun. 1921), ambas nas páginas da revista *Careta*. Na primeira delas, Lima Barreto faz questão de distingui-lo como “meu amigo barbeiro, Jorge”.

O prazer que o escritor sempre manifestou em citar as pessoas comuns, com quem partilhava as experiências mais cotidianas, parece ter se acentuado no fim da vida. Pouco a pouco, elas foram assumindo uma dimensão ética e política na sua prosa. Mais do que combater os grã-finos de Botafogo ou de se posicionar contra a cultura do doutor, esse novo olhar revela um amplo interesse pelo subúrbio e uma profunda simpatia por suas formas de sociabilidade.

8. O mineiro Adatao Junqueira Botelho (1895-1963) formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1917. Considerado discípulo de Juliano Moreira e, principalmente, de Henri-

Voltei para o pátio. Que coisa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar rude, mas doce e compassivo, de camponês transmontano. Ele já me conhecia da outra vez. Chamava-me você e me deu cigarros. Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na *Casa dos mortos*.⁹ Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria.

Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela.

Desta vez, não me fizeram baldear a varanda, nem outro serviço. Já tinha pago o tributo... Fui para o pátio, após o doutor Adauto; mas, bem depressa, fui chamado à varanda de novo. Sentei-me ao lado de um preto moço, tipo completo do espécimen mais humilde da nossa sociedade. Vestia umas calças que me ficavam pelas canelas, uma camisa cujas mangas me ficavam por dois terços do antebraço e calçava uns chinelos muito sujos, que tinha descoberto no porão da varanda.

Tinha que ser examinado pelo Henrique Roxo.¹⁰ Há quatro anos, nós nos

que Roxo, tinha 24 anos quando atendeu Lima Barreto no Hospital Nacional de Alienados. Em 1921, juntamente com Antônio Austregésilo, Ulysses Vianna e Pedro Pernambuco Filho, fundou o Sanatório Botafogo, primeira clínica particular dedicada a doentes mentais. De 1941 a 1954, coordenou o Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM) e, entre 1956 e 1958, foi diretor do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (Ipub). Ao longo de sua trajetória teve atuação destacada em três frentes: clínica particular, administração psiquiátrica e vida universitária. Foi diretor do *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Publicou, com Pedro Pernambuco Filho, *Vícios sociais elegantes: Cocaína, éter, diamba, ópio e seus derivados etc. — Estudo clínico, médico-legal e profilático* (Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1924).

9. Quase nos mesmos termos, o escritor evoca o romance *Recordações da casa dos mortos* (1861-2), na crônica já citada, “Da minha cela” (Rio de Janeiro, 30 nov. 1918), na qual relata sua passagem pelo Hospital Central do Exército.

10. O carioca Henrique de Brito Belford Roxo (1877-1969) diplomou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1900, com a tese *Duração dos atos psíquicos elementares nos alienados*. Entre 1904 e 1907 foi nomeado diretor interino do Pavilhão de Observação do Hospital Nacional de Alienados, cargo que voltaria a ocupar entre 1911 e 1920. No ano seguinte, assume a Cátedra de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina e publica um *Manual de psiquiatria* (Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1921) que terá mais três edições (1925, 1938, 1946). Foi um dos pioneiros na divulgação das ideias de Freud através de artigos como “Nervosismo” (*Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*), de livros como *Psicanálise e outros*

conhecemos. É bem curioso esse Roxo. Ele me parece inteligente, estudioso, honesto; mas não sei por que não simpatizo com ele. Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si. Acho-o muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar um pouco o véu do mistério — que mistério! — que há na especialidade que professa. Lê os livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza. Não tenho por ele antipatia; mas nada me atrai a ele.

Perguntou-me por meu pai e eu lhe dei informações.¹¹

Depois, disse-lhe que tinha sido posto ali por meu irmão, que tinha fé na onipotência da ciência e a credence do Hospício. Creio que ele não gostou.

Acompanhava-o uma espécie de interno, que tinha uma cara bovina, apesar do *pince-nez*. Tanto lá, como aqui, no Hospício, os internos evitam conversar com os doentes: *morgue* ou regulamento? No tempo de meu pai não era assim e, desde que eles descobrissem um doente em nossa casa, se aproximavam e conversavam.

Decididamente, a mocidade acadêmica, de que fiz parte, cada vez mais fica mais presunçosa e oca.

Julguei, apesar de tudo, que o Roxo me mandasse embora, tanto assim que, após o almoço-jantar, quando o tal Bragança enfermeiro me chamou, pensei que fosse para ir-me embora. Não foi.

Lembro-me agora de um fato; o guarda-civil que me esperou na porta do

estudos (Rio de Janeiro: Conxson, 1933) e de cursos universitários. Entre 1938 e 1945, foi o primeiro diretor do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (Ipub).

Nesta passagem do *Diário do Hospício* fica evidente que Lima Barreto havia tido contato com Henrique Roxo logo na sua primeira internação. Agora, nesta segunda, o psiquiatra tinha 42 anos.

11. A família do escritor foi duramente atingida pelo advento da República. Em fevereiro de 1890, seu pai pede demissão do cargo de mestre das oficinas de composição da Imprensa Nacional, demonstrando fidelidade política ao monarquista visconde de Ouro Preto. Afinal, por influência deste, fora admitido como tipógrafo na Imprensa Oficial e na *Tribuna Liberal*, de propriedade do visconde.

Graças ao ministro do Interior, Cesário Alvim, em março, João Henriques é nomeado funcionário das Colônias de Alienados São Bento e Conde de Mesquita, na Ilha do Governador. Entre 1890 e 1902, ocupa sucessivamente o cargo de escriturário, almoxarife e administrador. A partir desse último ano, passa a sofrer os seus primeiros delírios. Em 2 de março de 1903, é aposentado por neurastenia cerebral, conforme parecer dos psiquiatras João Carlos Teixeira Brandão (1854-1921) e Simplicio de Lemos Braule Pinto (1865-1918).

Hospício, pois não veio comigo nenhum polícia, dirigindo-se a ele, tratou-o mais de uma vez de doutor; ele, porém, nunca protestou.

Chamou-me o bragantino e levou-me pelos corredores e pátios até o Hospício propriamente. Aí é que percebi que ficava e onde, na seção de indigentes, aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável.

O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros, roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena¹² social.

Vi lá o Dantas Lessa,¹³ um poeta alegre, companheiro do Tapajós,¹⁴ que conheci assim, assim e depois montou um colégio em Vila Isabel. Parece-me que ele prosperou, mas, vindo a equiparação e não tendo ele recursos para

12. Lugar de suplício eterno pelo fogo. É a primeira de uma série de associações que o escritor fará entre hospício e inferno.

13. Francisco Dantas Lessa foi diretor do Externato Dantas Lessa, situado no boulevard 28 de Setembro, em Vila Isabel. Além de professor e jornalista, publicou um livro de poemas infantis, *Bebê* (1915), ilustrado por Belmiro de Almeida. Em 1917, deu entrada no Hospital Nacional de Alienados, onde permaneceu até o seu falecimento, em 7 de junho de 1928.

14. O amazonense Júlio Tapajós (1880-1923) foi colega de Lima Barreto na Escola Politécnica, a qual abandonou para dedicar-se exclusivamente ao jornalismo. Iniciou suas atividades como secretário de redação de *A Noite*, de José Maria Metello Júnior, e redator no *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio. Monarquista e católico fervoroso, escreveu para diversos órgãos da imprensa católica como *O Universo*, *A Notícia* e a revista *Vozes de Petrópolis*. Entretanto, sempre esteve vinculado ao jornal *A União*, no qual, além de assinar a coluna “Coisas de teatro”, tornou-se secretário de redação e um de seus diretores. No ano em que faleceu, atuava como redator em *O Jornal*, *A Notícia* e era correspondente de *O Estado de S. Paulo*.

Na crônica “Uma coisa puxa a outra” (*A Estação Teatral*, Rio de Janeiro, 8 abr. 1911), Lima Barreto recorda que Tapajós pertencia a um grupo de amigos que lhe cobrava “entender de teatro”. De fato, essa foi uma das paixões desse jornalista que, em setembro de 1901, dirigiu *O Teatro*, publicação quinzenal efêmera redigida, entre outros, por Paulo Barreto, Noel Baptista, Joaquim Viana e Baptista Coelho. E, no mesmo ano, tornou-se um dos colaboradores mais frequentes do semanário ilustrado e humorístico *João Minhoca: Teatro alegre de bonecos vivos*, comandado pelo pintor e caricaturista Belmiro de Almeida.

equipará-los ao ginásio (depósito de cinquenta contos e quota de fiscalização), foi perdendo a frequência, ele se desgostou, endividou-se e enlouqueceu. Cumprimentou-me, mas não quis falar comigo.

Esperei o médico. Era um doutor Ayrosa,¹⁵ creio eu ser esse o nome, interrogou-me, respondi-lhe com toda a verdade, e ele não me pareceu mau rapaz, mas sorriu enigmaticamente, ou como dizendo: “você fica mesmo aí”, ou querendo exprimir que os meus méritos literários nada valiam, naturalmente à vista das burrices do Aloysio.¹⁶ Fosse uma coisa, fosse outra, fossem ambas conjuntamente, não me agastei. Ele era muito moço; na sua idade, no caso dele, eu talvez pensasse da mesma forma.

O enfermeiro-mor ou inspetor era o Sant’Ana.¹⁷ Um mulato forte, simpático, olhos firmes, um pouco desconfiados, rosto oval, que foi muito bom para mim. Ele fora empregado na Ilha, quando meu pai lá era almoxarife ou administrador, e se lembrava dele com amizade. Deu-me uma cama, numa seção mais razoável, arranjou que eu comesse com os pensionistas de quarta classe e, no dia seguinte, fez-me dormir num quarto, com um estudante de medicina, Queirós, que um ataque tornara hemiplégico e meio aluado.

15. O mineiro José Carneiro Ayrosa (189?-1969) foi docente de psiquiatria da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro. A partir de 1918, ocupa interinamente o cargo de assistente no Hospital Nacional de Alienados. É nessa função que assina o Livro de Observações Clínicas, nº 64, da Seção Pínel, registro da segunda internação de Lima Barreto.

Em 1928, integra o grupo de psiquiatras responsável pela seção carioca da Sociedade Brasileira de Psicanálise, fundada em São Paulo um ano antes. Foi um dos primeiros a escrever sobre *A psicanálise e suas aplicações clínicas* (Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1932). Publicou inúmeros artigos, entre eles, vários dedicados a questão d’ “O alcoolismo: suas raízes psicológicas segundo a psicanálise” (*Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano 8, n. 1, jan./mar. 1934).

Vale sublinhar que, em 1933, José Carneiro Ayrosa também tratou do músico Ernesto Nazareth (1863-1934) na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá. Não deixa de ser emblemático que ele e os demais psiquiatras até aqui citados não tenham manifestado o menor interesse em escrever ou refletir sobre as internações de Lima Barreto ou Ernesto Nazareth.

16. O carioca Aloysio de Castro (1881-1959), poeta e médico neurologista, formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1903, da qual mais tarde seria diretor (1915-25). Em 1930, presidiu a Academia Brasileira de Letras, na qual ocupou a cadeira número 5, entre 1917 e 1959. Ao lado de seu mestre Miguel Couto, era criticado sistematicamente por Lima Barreto como exemplo da nossa cultura do *doutor*. Ver “A superstição do doutor” (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, maio 1918) e “As escoras sabichonas” (sobre a posse de Aloysio de Castro na ABL, abr. 1919).

17. Gustavo Sant’Ana.